

## EMPATIA FACTO OU MAGIA?



Sonia Maria Lima de Gusmão

**Resumo:** No início do artigo a autora começa por comparar os termos *Empatia e Magia*, alargando depois o primeiro conceito, de modo a fundamentar a comparação.

Aborda a teoria do *Eu*, de Rogers, que nos permite compreender o encontro pessoal, e como o estado actual da nossa cultura pode participar na auto-alienação, assim como em outros conflitos psicológicos. Segundo a *Abordagem Centrada na Pessoa*, o comportamento neurótico resulta de uma dissociação na tendência actualizante, para a qual contribuem diversos elementos.

Para inverter tal situação, segundo Rogers, serão necessárias certas condições e um clima terapêutico seguro, o qual depende das atitudes do terapeuta: congruência, consideração incondicional positiva e compreensão empática.

A autora segue citando alguns autores e as suas concepções de empatia e os efeitos derivados de um clima empático.

Posteriormente, faz algumas observações pessoais sobre o fenómeno empático, foca a capacidade empática do terapeuta, assim como o seu desenvolvimento e salienta a formação prática do terapeuta que é complexa e requer, por vezes, mudanças profundas. A autora apresenta aqui algumas considerações de Maria Bowen sobre o assunto.

O artigo termina com uma conclusão breve sobre a magia e a poesia do momento empático e o crescimento que dele advém.

**Palavras-chave:** empatia – magia – processo terapêutico – capacidade empática – relação

**Abstract:** To start with, the author compares the terms *Empathy and Magic*, broadening then the first concept to support the comparison.

She broaches the Rogers' *Self Theory*, which enables us to grasp the individual finding with himself, and how the state of our now-existing culture may interfere in self-alienation as well as in other psychological conflicts.

According to *Person-Centered Approach* the neurotic reaction comes from a dissociation in the actualization tendency, which is brought out by several factors.

Such state can be only changed, according to Rogers, by specific conditions as well as by a safe therapeutic setting, which depends on the therapist's attitude: congruency, unconditional positive consideration and empathic understanding.

Then, the author goes on naming some authors and their concepts of empathy and the consequent effects of a empathic setting.

Afterwards, the author expresses her personal views on the empathic phenomenon, emphasises the therapist's empathic capacity and upgrowth, and points out the therapist practical formation which is complex and requires deep changes. Some of the Maria Bowen's considerations about the subject are also presented.

The article finishes up with a short conclusion about the *Magie and poetry of the empathic moment* and the development that is brought about.

## INTRODUÇÃO

Magia tem a sua origem na palavra grega *mageia*, que significa... “a arte ou ciência oculta com que se pretende produzir por meio de certos actos e palavras, e por interferência de espíritos, génios e demónios, efeitos e fenómenos extraordinários, contrários às leis naturais”.<sup>1</sup> ***Em sentido figurado, podemos usar esse termo para indicar um certo encanto, magnetismo ou fascínio.***

A empatia é como um momento de encanto e de comunhão entre pessoas, particularmente entre cliente e terapeuta, onde uma das partes, a que chamaremos cliente, sente-se plenamente aceite e com-

***E, como numa frequência de ondas bem sintonizadas, o cliente sente que o terapeuta realmente está com ele, pois foi sensível para captar a sua mensagem, muitas vezes, encoberta pelo medo de se expor e de reabrir velhas “feridas”.***

preendida. A outra, que aqui denominaremos de terapeuta, foi capaz de sintonizar com o seu interior, apreendendo a sua subjectividade, no que ela tem de mais secreto e pessoal, acatando-a sem julgamentos ou condições. E, como numa frequência de ondas bem sintonizadas, o cliente sente que o terapeuta realmente está com ele, pois foi sensível para captar a sua mensagem, muitas vezes, encoberta pelo medo de se expor e de reabrir velhas “feridas”.

Mas, para que esse momento flua, é necessário que terapeuta e cliente sejam, simultaneamente, canal e receptor. Que o ser empático dos dois esteja presente na relação que então se estabelece entre ambos, embora a expressão dos seus potenciais empáticos se dê em graduações diferentes. Digamos que no terapeuta a empatia flui mais facilmente, enquanto no cliente, ela ocorre dificultada pela sua própria rejeição à experiência, o que torna a sua percepção de si e do outro distorcida ou limitada. É fundamental que o cliente também empatize minimamente com o terapeuta, a fim de perceber, neste, as atitudes por ele experimentadas.

É necessário, ainda, que as pessoas envolvidas estejam de acordo com determinadas “leis naturais”, sem as quais a empatia não existe pois, sem as con-

dições que as precede e as acompanha, só o vazio e a solidão estão presentes no espaço que seria seu.

Voltaremos ao tema da empatia mais adiante. Importa, agora, fazermos um preâmbulo a fim de contextualizar dentro do arcabouço teórico da Abordagem Centrada na Pessoa, uma vez que é talvez nesta abordagem onde mais se consiga o seu aprofundamento teórico e vivencial.

## CAMINHOS DE DESENCONTROS

Passei a ver o indivíduo com problemas como uma pessoa cujo autoconceito se havia estruturado de forma incongruente - em desacordo com a sua experiência global.

*Carl R. Rogers*

A qualidade do encontro pessoal é determinante do sucesso do processo terapêutico e das relações humanas, de um modo geral.

A construção do desencontro consigo mesmo e com o outro dá-se culturalmente. “A família e outras relações institucionalizadas na nossa cultura parecem ser responsáveis por algumas áreas férteis para o desenvolvimento de ‘doenças’ psicológicas”.<sup>2</sup> As repressões e os condicionalismos impostos têm conduzido o homem a um estado crescente de auto-alienação e de alienação social, contribuindo, assim, para conturbar as relações que ele estabelece consigo mesmo e com o meio que o circunda.

A Teoria do Eu, desenvolvida por Rogers e seus colaboradores, permite-nos compreender como fenómenos dessa natureza ocorrem. Segundo ele, a partir da discriminação de experiências vivenciadas, no seu campo vital ou fenoménico, como sendo descritivas de si mesma, a criança vai formando o seu autoconceito, que tornar-se-á, mais tarde, “uma gestalt conceptual organizada e coerente”.<sup>3</sup>

Como o amor e a atenção, proporcionados pelas pessoas que lhe são significativas, são condicionais e como esse amor e essa consideração são

**A qualidade do encontro pessoal é determinante do sucesso do processo terapêutico e das relações humanas, de um modo geral.**

essenciais, a criança vê-se obrigada a abrir mão dos seus próprios valores organísmicos e a interiorizar alguns dos valores dessas pessoas como se fossem seus. Passa a ser, portanto, o *eu* que querem que ela seja e não o *eu* que ela é de facto. É evidente que isso tem um preço: quando valores “alienígenas” são incorporados no autoconceito da criança, como se fossem valores organísmicos próprios, instala-se, a partir daí, a automentira. Assim, sempre que essas concepções entrarem em conflito com a sua experiência, ela tenderá a anular os seus próprios processos de experiência para ser “rigidamente” o eu que querem que ela seja. E, nesse momento, por se ter fechado à própria experiência, não fluirá plenamente. E será ilusoriamente feliz.

A percepção da realidade é influenciada pelo seu autoconceito, e o seu comportamento será adequado ou inadequado, de acordo com o carácter realista ou não do seu eu.

É importante salientar que o eu exerce uma função selectiva sobre todo o material da experiência. Assim, alguns fenómenos são ignorados por não se relacionarem com o eu, não tendo, portanto, significado para este. Outros fenómenos são simbolizados à consciência, uma vez que se apresentam coerentes com a estrutura do eu, enquanto que outras experiências são negadas ou distorcidas porque, sendo incompatíveis com o eu, ameaçam a percepção organizada do mesmo e para aceitá-las a pessoa teria que mudar o seu autoconceito. Estando a gestalt do eu firmemente organizada e não sendo percebidos elementos contraditórios no campo fenoménico, a auto-estima está garantida. “O eu pode ser visto como valioso e aceite, e a tensão consciente será mínima. O indivíduo percebe-se funcionando adequadamente”.<sup>4</sup>

O comportamento da pessoa torna-se descontrolado quando a estrutura organizada do eu não é eficiente no atendimento das suas necessidades ou quando esta percebe em si algumas incoerências. Se o desacordo entre o eu e a experiência organísmica for muito grande, a tendência actualizante<sup>5</sup> passa a ter um papel confuso ou dividido.

A Abordagem Centrada na Pessoa acredita que

**A Abordagem Centrada na Pessoa acredita que o comportamento neurótico é resultante da dissociação na tendência actualizante, que ora apoia o eu, intensificando o autoconceito da pessoa, ora apoia as necessidades organísmicas, que podem estar completamente em desacordo com os desejos conscientes do indivíduo.**

o comportamento neurótico é resultante da dissociação na tendência actualizante, que ora apoia o eu, intensificando o autoconceito da pessoa, ora apoia as necessidades organísmicas, que podem estar completamente em desacordo com os desejos conscientes do indivíduo.

“O que é comumente chamado comportamento neurótico é o produto dessa dissociação na tendência para a realização. O indivíduo procura comportar-se de modo coerente com o seu autoconceito. Mas o comportamento neurótico - que é o ser total da pessoa tentando satisfazer as suas necessidades - é incompreensível até para o próprio indivíduo, uma vez que não está em harmonia com o que ele conscientemente

‘quer’ fazer - realizar um eu que não mais é congruente com sua experiência”.<sup>6</sup>

## COMO INVERTER ESSA SITUAÇÃO?

A psicoterapia ou a experiência grupal não surtiram efeitos quando tentei criar no indivíduo algo que ainda não estava lá; no entanto descobri que se criar as condições que permitem o crescimento, essa tendência direccional positiva leva a resultados positivos.(...) Quando consigo criar um fluido amniótico psicológico surge movimento para a frente, de natureza construtiva.

*Carl R. Rogers*

Rogers acredita que “sob as condições certas, o clima terapêutico seguro, a pessoa pode reduzir essa incongruência, aprendendo a confiar mais na experiência do seu eu”.<sup>7</sup>

Para ele, esse clima seguro é propiciado por atitudes apresentadas pelo terapeuta e que são comunicadas ao cliente, de algum modo verbal ou não verbal, mas nunca explicado.

A primeira dessas atitudes é denominada con-

gruência ou autenticidade. Significa que na relação com o seu cliente, o terapeuta é transparente, fluído, não se nega a si mesmo.

A segunda atitude é chamada atenção ou consideração positiva incondicional, e significa que o terapeuta aceita o cliente como ele é e não como deveria ser. Rogers acredita que a relação terapêutica fica gravemente ameaçada se o terapeuta não experimentar aceitação pelo seu cliente, e que a aceitação do cliente depende de como o terapeuta se interessa e se aceita a si próprio.

A terceira atitude, que focalizaremos com mais detalhes, refere-se à empatia ou compreensão empática. Significa que o terapeuta é capaz de entrar no mundo fenomenológico do cliente, com sensibilidade, captando os significados subjectivos do mesmo. O encontro que acontece nesse momento, entre terapeuta e cliente, é de tal modo íntimo e enriquecedor que vários autores têm escrito a seu respeito.

Jung, contextualizando o processo empático como sendo um processo de transformação mútua, descreve-o como sendo um processo de fusão entre personalidades. Diz ele: “O encontro entre duas personalidades é como o contacto entre duas substâncias químicas. Se houver qualquer reacção, ambas se transformam. Esperamos que o médico (o terapeuta) tenha uma influência em todo o tratamento psíquico eficiente, mas esta influência só poderá ocorrer, se ele também for influenciado pelo paciente (cliente)”.<sup>8</sup>

Adler considera a empatia como sendo uma das funções criativas da personalidade, cuja origem se encontra na existência de um sentimento social inato. Na tentativa de a explicar, ele parece transcender essa perspectiva, afirmando que: “Na realidade ela é um sentimento cósmico e um reflexo do encadeamento de todo o cosmo que vive em nós. É uma característica inevitável de ser um ser humano”.<sup>9</sup>

Gendlin enfatiza a focalização. Para ele, empatia é a capacidade de “ressaltar com sensibilidade o ‘significado sentido’ que o cliente está a vivenciar num determinado momento, a fim de ajudá-lo a focalizar este significado até chegar à sua vivência plena e livre.”<sup>10</sup>

Para Rogers, a compreensão empática ocorre quando “o terapeuta capta com precisão os sentimentos e sig-

nificados pessoais que o cliente está a viver e comunica essa compreensão ao cliente. Quando está na sua melhor forma, o terapeuta pode entrar tão profundamente no mundo interno do cliente que se torna capaz de esclarecer não só o significado daquilo que o cliente está consciente como também do que se encontra abaixo do nível de consciência”.<sup>11</sup>

Não basta o experienciar da empatia, é necessário também a sua comunicação. E esta é um processo que envolve pessoas activas e atentas mutuamente, o que implica uma reciprocidade empática, por assim dizer.

Outros aspectos foram enfatizados por Rogers ao abordar a empatia. No livro “Um Jeito de Ser” (1983) o intuitivo e o transcendente também são apreciados por ele, ao afirmar:

Percebo que quando estou o mais próximo possível do meu eu interior, intuitivo, quando estou de algum modo em contacto com o que há de desconhecido em mim, quando estou, talvez, num estado de consciência ligeiramente alterado, então tudo o que faço parece ter propriedades curativas. Nestas ocasiões, a minha presença simplesmente, libera e ajuda os outros. Não há nada que eu possa fazer para provocar deliberadamente essa experiência, mas quando sou capaz de relaxar e de ficar próximo de meu âmago transcendental, comporto-me de um modo estranho e impulsivo na relação, que não posso justificar racionalmente e que não tem nada a ver com

meus processos de pensamento. Mas esses estranhos comportamentos acabam sendo correctos, por caminhos bizarros: parece que o meu espírito alcançou e tocou o espírito do outro. A nossa relação transcende-se a si mesma e torna-se parte de algo maior. Então, ocorrem uma capacidade de cura, uma energia e um crescimento profundo.<sup>12</sup>

Maria Bowen comentando a experiência relatada por Rogers, diz:

A minha impressão é de que, assim que o contacto de Rogers com a outra pessoa progride, a sua mente torna-se quieta e calma, e

**Não basta o experienciar da empatia, é necessário também a sua comunicação. E esta é um processo que envolve pessoas activas e atentas mutuamente, o que implica uma reciprocidade empática, por assim dizer.**

ele fica totalmente virado para uma só direcção, como se estivesse num estado meditativo. Parece-me que ele entra num estado alterado de consciência, no qual o dualismo entre ele e a outra pessoa desaparece. Ele torna-se uno com o cliente e, desta maneira, entra no mundo desorganizado, confuso e irracional do cliente. A partir daí, de uma maneira magnética, Rogers junta, numa “impressão integrativa”, as experiências fragmentadas e desorganizadas do cliente. O “feedback” das “impressões integrativas” do terapeuta permite ao cliente ver coisas a uma nova luz e organizar a sua experiência caótica. Este momento de organização é a essência do processo terapêutico. Segundo o modelo de Prigogine cada nova organização a que se chega, permite ao organismo mudar para um padrão de alta ordem, coerência e complexidade. Esta organização é possível somente quando o terapeuta e o cliente estão no mesmo comprimento de onda e os limites entre Eu-Tu ( I- Thou ) desaparecem.<sup>13</sup>

### **EFEITOS PRODUZIDOS PELO CLIMA EMPÁTICO**

Ao iniciar o seu processo psicoterapêutico, o indivíduo, que se encontra fechado à sua própria experiência, apresenta um desacordo interno directamente proporcional ao seu fechamento interior. Empatia, aceitação positiva incondicional e autenticidade são atitudes quase que inexistentes em si mesmo, pois, paradoxalmente, quando ele se fechou à sua própria experiência, de algum modo, ficou preso a ela, e o que é pior, sem conseguir vivê-la.

Se o terapeuta consegue criar um clima de calor humano, receptivo e pleno das atitudes enfatizadas por Rogers, o cliente aprende a confiar mais na sua experiência, reduzindo a sua incongruência. O facto de se sentir aceite e compreendido, provocará nele um relaxamento dos rígidos padrões que estruturam o seu eu, dando lugar a uma nova gestalt do eu, menos rígida e mais fluída. A pessoa tende a tornar-se mais consciente dos

seus sentimentos, torna-se mais criativa e aberta nos seus relacionamentos. Por outras palavras: o cliente torna-se mais congruente, aceitante e empático, tornando-se cada vez mais o seu próprio centro de referências. Estas atitudes são uma resposta às atitudes do terapeuta.

### **OBSERVAÇÕES PESSOAIS DO FENÓMENO EMPÁTICO**

Sem as desculpas da diferença de linguagem, algumas vezes sinto medo de que nós, terapeutas centrados na pessoa, também estejamos perdendo o nosso olhar atento para dentro e não estejamos incluindo a nossa “alma” no nosso trabalho.

*Maria C. Bowen*

**A minha primeira observação** aponta no sentido da fluidez e diz que o meu comportamento, quando fluído, se modifica a cada momento na relação com o meu cliente. Assim, eu auto-actualizo-me ao mesmo tempo que o meu cliente se auto-actualiza.

Como a empatia não se dá no vazio, é necessário um mínimo de reciprocidade empática para que ocorra a aprendizagem, a mudança. Empatizar com o meu cliente não é o bastante, é importante que ele, pelo menos minimamente, também empatize comigo, a fim de perceber a atenção, a compreensão e a autenticidade que estou a experimentar nesse momento. Digamos que se trata de um processo

causal recíproco: ao mesmo tempo que eu posso ser a causa da sua mudança, ele pode ser a causa da minha, como pessoa e como profissional.

**Segunda observação.** Um outro elemento presente na relação empática é a possibilidade de auto-correcção e de aproximação da realidade subjectiva do cliente. Um exemplo dado por Rogers<sup>14</sup> ilustra muito bem

o que estou a querer dizer: “Num grupo de encontro, um homem vinha fazendo comentários vagamente negativos a respeito de seu pai. O facilitador diz: ‘parece que você está com raiva do seu pai.’ Ele replica: ‘Não, acho que não.’ Quem sabe, se insatisfeito com

**Empatizar com o meu cliente não é o bastante, é importante que ele, pelo menos minimamente, também empatize comigo, a fim de perceber a atenção, a compreensão e a autenticidade que estou a experimentar nesse momento.**

ele?’ ‘Bem, sim, talvez... (dito sem muita convicção). ‘Talvez você esteja decepcionado com ele.’ Imediatamente, o homem responde: ‘É isto: Estou decepcionado pelo facto de ele não ser uma pessoa forte. Acho que sempre estive decepcionado com ele, desde criança’.

Segundo Gendlin, o cliente compara a exactidão desses termos com o fluxo psico-fisiológico dentro dele. “Este fluxo é muito real, e as pessoas podem usá-lo como ponto de referência. Neste caso, ‘raiva’ não corresponde ao significado sentido; ‘insatisfeito’ está mais próximo, mas não é totalmente correcto; ‘decepcionado’ corresponde exactamente, favorecendo um novo fluxo de vivência como costuma acontecer”.<sup>15</sup>

**Terceira observação.** Pacientes psiquiátricos, anteriormente “rotulados” e internados, pelo menos uma vez, apresentam uma acentuada melhoria a partir de um clima de empatia e aceitação.

Na verdade, a impressão que eu tenho é que, nesse clima, novo para eles, vencidos os bloqueios iniciais, os clientes apresentam um processo acelerado em relação aos clientes ditos normais. Pelo menos, é bem visível o seu evoluir de um estado de alienação de si mesmo para um processo de aceitação e maior fluidez do eu. É evidente que, neste caso, nem sempre será esta a experiência. Às vezes, o seu fechamento é tão grande que lhes parece impossível que outra pessoa possa estar sinceramente interessada neles, evoluem lentamente e comportam-se de modo desconfiado.

**Quarta observação.** A empatia é também uma função do orgânico. Quando não estou bem fisicamente, sinto que a minha capacidade empática fica bastante reduzida. É importante que esteja de boa saúde para que possa estar totalmente com o meu cliente.

**Quinta observação.** A empatia parece ser uma função, também, das condições sócio-económicas do indivíduo. Pessoas com baixos rendimentos, que foram submetidas ao Z-Test, apresentaram um baixo índice de respostas cinestésicas.<sup>16</sup> Ocorre que tais respostas falam-nos da capacidade de se identificar com o outro e sobretudo de empatizar, o que me leva a supor que situações de muita privação podem conduzir o indivíduo a uma maior alienação de si e do outro como uma forma de não sofrer. É como se a miséria se estendesse à sua vida senti-

mental e afectiva, e ele se “desligasse”. O relacionar-se com os acontecimentos relevantes dar-lhe-ia a dimensão da sua impotência, o que poderia ser muito penoso para si.

Apesar de algumas das observações acima apresentarem aspectos que dificultam a vivência empática, não poderemos deixar de considerar o carácter provisório dos mesmos.

## O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE EMPÁTICA NO TERAPEUTA

Para atingirmos o ponto onde nos permitimos entrar nessa relação centro a centro com o outro, temos, na minha experiência, de trabalhar duro com o nosso ego e procurar centrar o nosso ser no mundo que vai além de talentos, inteligência e conhecimentos, pois aí nesse plano não existem dualidades e não existem diferenças.

*Antonio M. dos Santos*

Se o momento empático é envolvido por uma aura quase mágica, o mesmo não podemos dizer da formação do terapeuta, co-participante importantíssimo nessa relação sentida empática, pois, apesar dos conceitos teóricos serem facilmente assimiláveis, a prática tem-se mostrado uma aprendizagem difícil que requer, muitas vezes, mudanças de atitudes.

***Para ser terapeuta é necessário uma formação integral, “além de talentos, inteligência e conhecimentos”.***

Para ser terapeuta é necessário uma formação integral, “além de talentos, inteligência e conhecimentos”. Se não a possui ainda, o que é natural, precisa de desenvolver, em si mesmo, atitudes fundamentais à sua actuação como terapeuta, tais como autenticidade, aceitação positiva incondicional e compreensão empática.

É preciso que se envolva primeiro com ele próprio e que tome essa tarefa como a mais séria. Transforme-se. Mude os seus referenciais. Seja ele o próprio centro de referências. Acredite em si mesmo e no ser humano. Flua nos seus contactos. Seja sensível aos seus próprios movimentos e aos do outro. Cuide de si integralmente: corpo, mente, espírito.

A hostilidade, a competição e o antagonismo são vistos por May como factores que diminuem a possibilidade de empatia.<sup>17</sup>

Maria Bowen considera importante cultivarmos o nosso eu interior, trabalhar com sonhos, escrever um jornal diário, fazer tentativas artísticas, ter contacto com a natureza, fazer exercícios físicos - não competitivos - Tai-Chi, Yoga, artes marciais e fazermos a nossa própria psicoterapia.<sup>18</sup>

Para ela, o melhor treino para o terapeuta é aquele que combina conhecimentos cognitivos e viscerais, pois facilita a aprendizagem. O escutar-se, encarando o que somos, também ajuda, uma vez que “ficamos familiarizados não somente com a nossa parte que funciona bem, mas também com o nosso lado escuro.(...) Seremos capazes de nos estimarmos mesmo quando encaramos a presença do nosso lado escuro dá-nos coragem para explorar as profundezas e variedades de nossos sentimentos. Por sua vez, isto torna-nos mais capazes de acompanhar os nossos clientes através dos sentimentos mais intensos e diversos que emergem na jornada terapêutica.<sup>19</sup>

A qualidade do encontro pessoal é determinante do sucesso do processo terapêutico. Mas para que o terapeuta atinja as qualidades necessárias a um encontro profundo e enriquecedor, muito investimento pessoal tem de ser feito.

## CONCLUSÃO

E de tanto que me senti aceita e compreendida; me senti, me aceitei e me compreendi.

E foram tantos os momentos de encanto, nesses encontros, que ousei transpor as barreiras que ofuscavam o meu ser e saí de mim.

E me doei numa solidariedade nunca dantes experimentada - estava aberta para mim e para o mundo. CRESCI.

*Sonia Gusmão*

O momento empático é mágico num contexto, talvez, poético pois apresenta-se, muitas vezes, de modo envolvente e quase místico. A “aura” que o reveste é de encanto, bem-estar e satisfação.

Nenhuma experiência parece ser mais gratificante ao ser humano, que a experiência de se sentir

profundamente compreendido e aceite naquilo que ele tem de mais secreto e ameaçador.

Mas, para que esse momento sentido especial ocorra, vários elementos interagem entre si, determinando a sua ocorrência. Jeito de ser, formação profissional, investimento pessoal, condições físicas e psíquicas do facilitador são alguns desses elementos.

Se o terapeuta não se empenhar, enfrentando o seu amplo e temido mundo interior, dificilmente poderá ajudar o seu cliente - fechado em si mesmo - num mundo tão opressor e tão pouco favorável ao seu crescimento.

A relação empática é, para finalizar, uma relação amorosa. O compromisso com o outro é, num primeiro momento, um acto de amor e de compromisso consigo mesmo, que só se completa quando transcende esse primeiro momento e se dirige para alguém - tornando-o especial.

## NOTAS

- 1 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 1ª ed., 14ª impressão, Editora Nova Fronteira.
- 2 ROGERS & WOOD, in BURTON, 1978, p. 197.
- 3 Idem, ibidem, p. 197.
- 4 Idem, ibidem, p. 198.
- 5 Tendência inerente ao organismo, que o conduz ao desenvolvimento de suas potencialidades, favorecendo-lhe a conservação e o enriquecimento.
- 6 op. cit., p. 198
- 7 op. cit., p. 199.
- 8 Cit. por MAY, 1982, 4ª ed., p. 68.
- 9 Idem, ibidem.
- 10 Cit. por Rogers, 1977, p. 72.
- 11 ROGERS, 1983, p. 39.
- 12 Idem, ibidem, p. 47.
- 13 SANTOS, ROGERS, BOWEN, 1987, p. 113.
- 14 ROGERS & ROSENBERG, 1977, p. 72.
- 15 Idem, ibidem.
- 16 Pesquisa realizada, em Recife, por Alba Gomes Guerra, em torno de 1976, sobre a Estrutura de Personalidade dos Indivíduos de Baixa Renda.
- 17 Cf. May, 1982, 4ª ed., p.77.
- 18 Cf. SANTOS, ROGERS, BOWEN, 1987, P.62 e 63.
- 19 SANTOS, ROGERS, BOWEN, 1987, P. 63 e 64.

## BIBLIOGRAFIA

- BURTON, Arthur, **Teorias Operacionais da Personalidade**, Rio de Janeiro, Imago, 1978.
- MAY, Rollo, **A Arte do Aconselhamento Psicológico**, Petrópolis, Vozes, 4ª ed. 1982.
- ROGERS, Carl R. & ROSENBERG, Rachel L., **A Pessoa como Centro**, SP, EPU, 1977.
- ROGERS, Carl R. ET AL., **Em Busca de Vida**, SP, Summus, 1983.
- ROGERS, Carl R. & STEVENS, Barry, **De Pessoa para Pessoa**, SP, Pioneira, 3ª ed., 1987.
- ROGERS, Carl R., **Um Jeito de Ser**, SP, EPU, 1983.
- SANTOS, A.M., ROGERS, Carl R. BOWEN, M. C. Villas-Boas, **Quando Fala o Coração**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.